

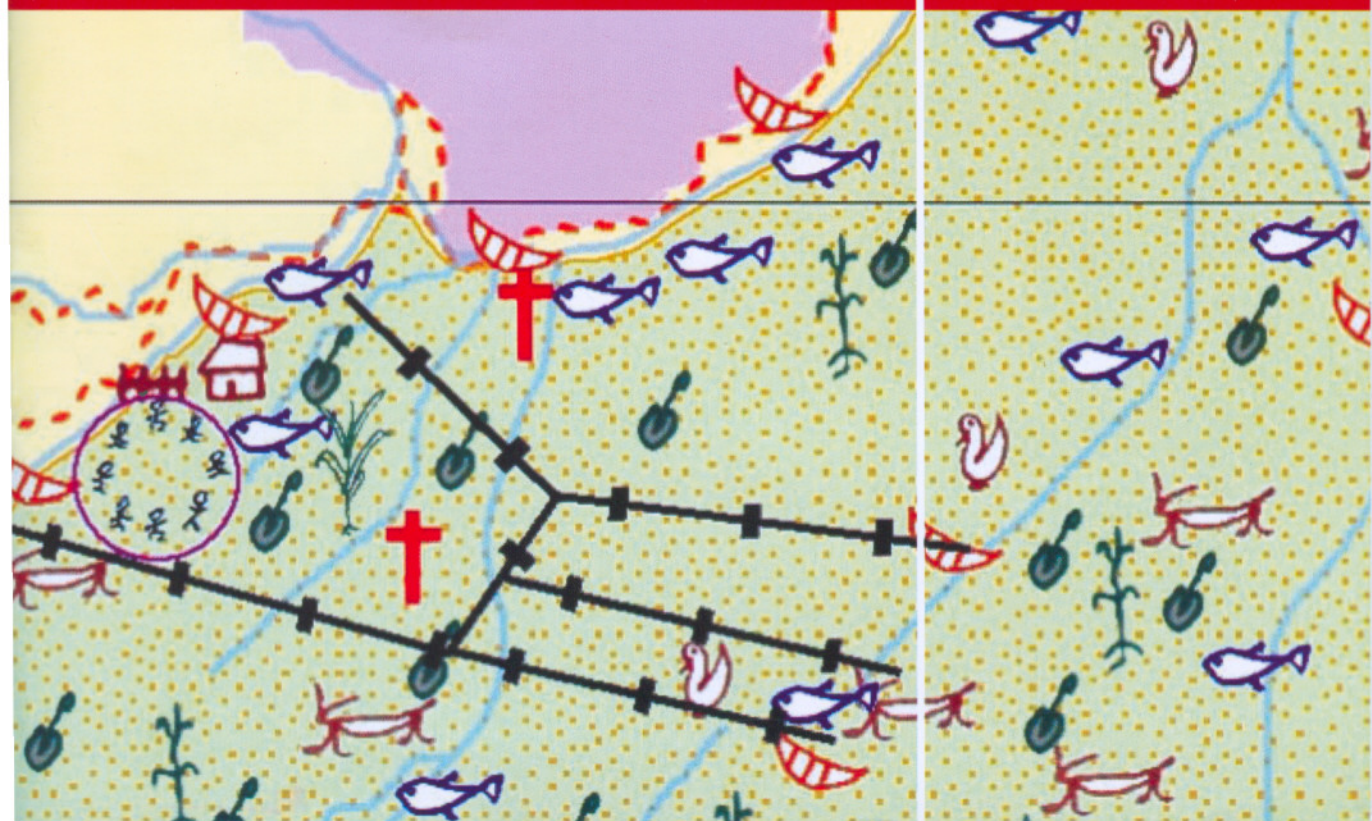


Associação
do Povo Indígena
Kanela do Araguaia

Nova Cartografia Social da Amazônia

Povo Indígena Kanela do Araguaia

01



Povo Indígena Kanela do Araguaia



Participantes da Oficina de Mapas realizada nos dias 26 a 28 de novembro de 2008, no município de Canabrava do Norte-MT. Leonardo, Amadeus, Pedro Filho, Curió, Joaquim, Ilsa, João da Vitalina, Jocelita, Iraci, Evani, Paulinho, Esmeralda, Leônia, Lenimar, Albertina, Joana, Veneranda, Rachel, Luan, Eliseu, Antonio, Jonas, Domiciana, Lúcia, Janaina, Join, Paulo

Capa: Joaquim e Petronildo

Contato:

Associação do Povo Indígena Kanela do Araguaia
Presidente José Sérgio Bezerra Arruda
Av. Henrique Souza, Centro, 78.660-000, Luciara MT

Cacique Antonio Osório Vasconcelos Costa
Rua Comércio, 60, Centro, 78.670-000, São Félix do Araguaia MT
euraosorio9@hotmail.com
Fone: 66 3522-1935 e 66 8409-6523

Vice-cacique Joaquim Pereira Santos
Av. Amazonas, s/nº, 78.660-000, Luciara MT



Participantes da reunião em São Félix do Araguaia - MT no dia 21 de junho de 2009: Teresinha Vasconcelos, Bernardino Carlos, Rodrigo, Cacique Osório, José Ribamar, Jonas, Pedro Filho, Daniel, Assis, Jason, Carmelita



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Povos e Comunidades Tradicionais
do Brasil Central
Fascículo 01
Povo Indígena Kanela do Araguaia
Projeto Gráfico: Elieyd Sousa de Menezes -
Baseado no Design Casa 8
Manaus - 2009

ISBN:

Coordenação do projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NCSA-CESTU / UEA, PNCSA- PPGAS/UFAM, CNPQ, FAPEAM)

Equipe de pesquisa

Antonio João Castrillon Fernández/NCSA
Elieyd Sousa de Menezes/NCSA-CESTU/UEA

Edição e fotografia

Antonio João Castrillon Fernández/NCSA
Elieyd Sousa de Menezes /NCSA-CESTU/UEA

Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima/NCSA-CESTU/UEA

Colaboração

Rosenira Isabel de Oliveira

PNCSA

www.novacartografiasocial.com
pncaa.uea@gmail.com
pnca.ufam@yahoo.com.br



Cacique Osório



Quem somos

Nós somos índios do Maranhão, nós mudamos do Maranhão em 1948. Saímos de lá por causa do massacre, o pessoal queria matar os índios - os fazendeiros -, meus pais correram mais meus avós. Nós morávamos no Morro do Chapéu onde é a aldeia dos índios Canela. De lá passamos para Goiás... fomos criados no estado de Goiás e aí mudamos para o estado de Mato Grosso, na beira do Araguaia. Então agora nós resolvemos se reunir para nós ficar juntos de novo (Joaquim Pereira dos Santos - vice cacique, Oficina de Mapas).

Os kanelas do Araguaia vieram do Maranhão, que é os Apaniekrá e hoje nós estamos no Mato Grosso, dá-se o nome Kanela do Araguaia porque sempre os kanelas viveram na beira do Araguaia e ainda hoje vivem no Araguaia. Mas, nós somos kanela Apaniekrá do Maranhão (Dona Joana, Oficina de Mapas).

O povo do Araguaia hoje é isso, é a mistura do mato-grossense, é o povo ribeirinho, nós estamos impregnados com os ribeirinhos da nossa região, nós estamos impregnados com os retireiros da nossa região, nós estamos impregnados com os posseiros da nossa região, porque tem filho de kanela casado com posseiro, filho de kanela casado com ribeirinho, filho de kanela casado com retireiro. Então, hoje os kanelas vivem integrados a essas comunidades da região do Araguaia: uns kanelas são retireiros, outros são posseiros, alguns estão na vida urbana, sendo funcionário da prefeitura, sendo de várias áreas (Lenimar, Oficina de Mapas).



Representantes das famílias kanelas do Araguaia: João da Vitalina, Antônio, Bernardino, Odilon, Uilson, Albertina, Joana, Petronildo, Amadeus, Joaquim

Por que a Cartografia Social

Eu moro em Canabrava há 31 anos, criei a minha família em Cana Brava e somos Kanela, estamos aqui para fazer a nossa Nova Cartografia, para espalhar aí para o Brasil inteiro, para nós ser mais reconhecidos do que já somos (Dona Joana, Oficina de Mapas).

Moro a 40 anos em Luciara... hoje estou aqui junto com os meus irmãos, meus sobrinhos e toda família, com muito orgulho, resgatando a nossa etnia, junto com o pessoal, com fé em deus, a gente já está autodenominando de índio kanela... Já estou imaginando outra pessoa, lá longe, distante, olhando um fascículo desse, vendo o pessoal de Luciara, de Santa Terezinha, daqui da região do Araguaia (João da Vitalina, Oficina de Mapas).

Para mim é um sonho, é um orgulho cada vez que se reúne para essa questão em relação ao nosso reconhecimento, em relação à nossa etnia, o resgate cultural... como aconteceu com a gente, com os nossos antepassados. Então é esse o nosso desejo de divulgar e ser reconhecido, que o Brasil conheça a nossa história (Lenimar, Oficina de Mapas).

Oficina de Mapas em Canabrava do Norte - MT



Trajectoria do Povo Kanela do Araguaia

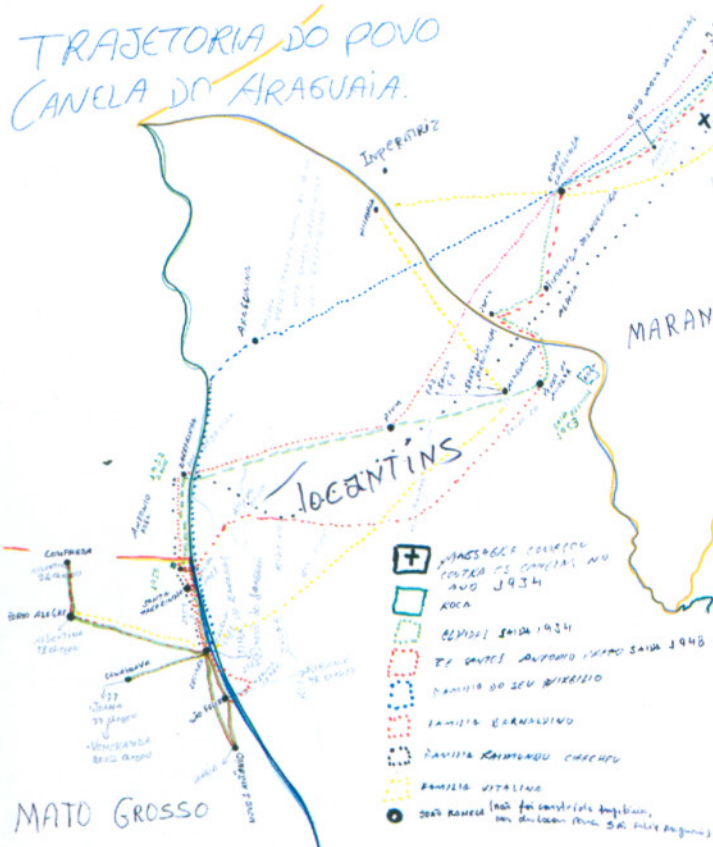
Aqui era a aldeia Morro do Chapéu, ficava no município Barra do Corda. Daqui, do Morro do Chapéu nós saímos pelo Olho D'Água das Cunhas, era outra aldeia Kanela... Do Olho D'Água das Cunhas nós fomos para uma cidade Fortaleza dos Nogueiras, ela já está mais para perto aqui de Goiás (atual Estado de Tocantins), era município de Carolina... No Fortaleza dos Nogueiras foi uma aldeia, mas só que foi desativada, o povo correu atrás dos índios também em Fortaleza dos Nogueiras... era Kanela. De Fortaleza dos Nogueiras nós pegamos estrada, atravessamos o Tocantins, num porto por nome Panela de Ferro. Panela de Ferro era uma cidadezinha que tinha do outro lado, já em Goiás, pegamos e beiramos o Tocantins. Nós viajamos mais ou menos uns quinze dias beirando (o rio) Tocantins, largamos o Tocantins e cortamos para o rumo de Goiás e foi lá onde ficamos... Lá era município de Miracema, Miracema do Norte, era um sertãozinho... naquele tempo tinha um gerais monstro que não tinha ninguém, você chegava e ia escolhendo aonde achava bonito para morar ali e ficava. Não tinha morador e nada. A terra ninguém sabia se tinha dono... Era geraisão mesmo (Joaquim, Oficina de Mapas).

O meu pai saiu de lá na base de 31, por essa base aí, eu acho que ele saiu naquela primeira confusão que teve. Eu nasci em Porto Franco, divisa do Maranhão com Goiás. Nós viemos aqui para a divisa de Goiás, depois atravessei junto com esse pessoal do Ribamar para cá, o Elpidio, o avó dele. O Elpidio era de lá, das aldeias de lá, mas eu não conhecia ele, naquele tempo o cara não queria nem saber se era índio, que era perseguido, negava... é complicado. Lá de Porto Franco viemos para Cristalândia, que é o Pium, nós saímos de Pium em 55, nós viemos para dentro da Ilha, Barreira do Gado, Ilha do Bananal, depois para o Antonio Rosa. Nós moramos juntos lá com o pessoal do Ribamar. Em 1956 nós atravessamos para o Antonio Rosa, em 57 teve uma enchente grande, em 58 nós mudamos, todo mundo, aqui para Mato Verde, hoje é Luciara (Bernardino – Reunião São Félix do Araguaia).

Quando nós chegamos em Mato Grosso, no Antonio Rosa, lembro como hoje, foi em 55, em 58 os agrimensores desceram medindo essas terras todas de Mato Grosso. Chegamos em Luciara foi

acabando a possibilidade de nós morar juntos, os fazendeiros foram chegando, as perseguições foram empilhando e aí ficamos. Aí voltou um bocado para Santa Terezinha e outros ficaram em Luciara... Então, o meu desejo, o meu desejo que eu tenho dentro de mim é d'eu ainda, velha como estou, 64 anos, mas eu ainda tenho o desejo de morar junto com toda essa família... E tinha outra história, "olha vocês procuram a Bandeira Verde", Bandeira Verde era lá para Mato Grosso... A história da Bandeira Verde é porque eles diziam que ia chegar uma época que a gente tinha que procurar as matas, lugar que tivesse mata, que tivesse um bom estágio, água, era para a gente cabar de tirar o resto da vida, então ia acontecer muitas coisas... Quem falava essa história da Bandeira Verde eram os Capuchinos, os Capuchinos do Maranhão (Dona Joana, Oficina de Mapas).

TRAJETORIA DO POVO KANELA DO ARAGUAIA.



Croqui da trajetória dos kanelas para o Araguaia - MT elaborado na Oficina de Mapas

O Massacre

Por que veio correndo lá do Maranhão? Porque os fazendeiros queriam matar os índios lá, matou um bocado e foi dessa família nossa, eles estavam com medo deles virem... Hein Albertina, você lembra que quando nós chegamos do Maranhão, você já estava grandinha, ninguém queria dizer que era índio com medo do povo vim de lá...? (Joaquim, Oficina de Mapas)

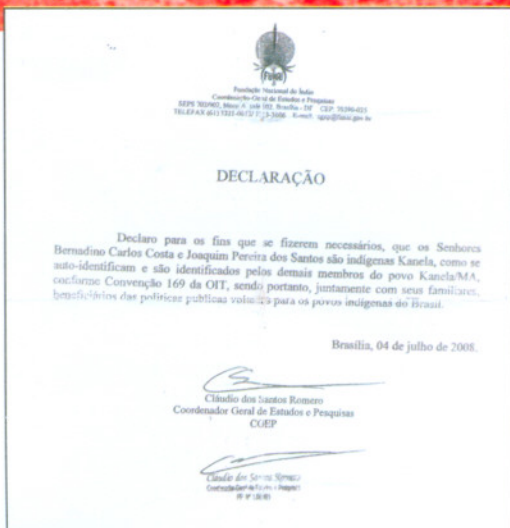
Era para matar. Por isso era que escondia os meus avós, meu pai, meus avós, os pais dele, escondia, com medo ainda deles vim para matar, por que até onde ia os títulos dos kanela? Aonde sabia notícias dos kanelas, estava aldeado e tinha medo de perseguir e eles não podiam se separar (Albertina, Oficina de Mapas).

Naquela época nem podia falar que era índio... porque tinha medo de alguma coisa. Quando o padre veio para me batizar ele falava, "não fala que é índio". Ai quando eu fui alistar lá no Tiro de Guerra eles falaram "uai, cadê o nome do seu pai, o seu pai o que que era?" - "era índio" - "não, então só tem mãe, índio não é gente não, não é batizado, não é registrado", desse tipo... Naquele tempo não queria ser reconhecido, mas antes disso, quando eu era novo, ave Maria, ave Maria, não podia nem falar, matava, matava mesmo... As vezes nem tinha isso, mas era uma lenda que contava (Bernardino – Reunião São Félix do Araguaia).

Aldeia Kanela no Maranhão

O Reconhecimento

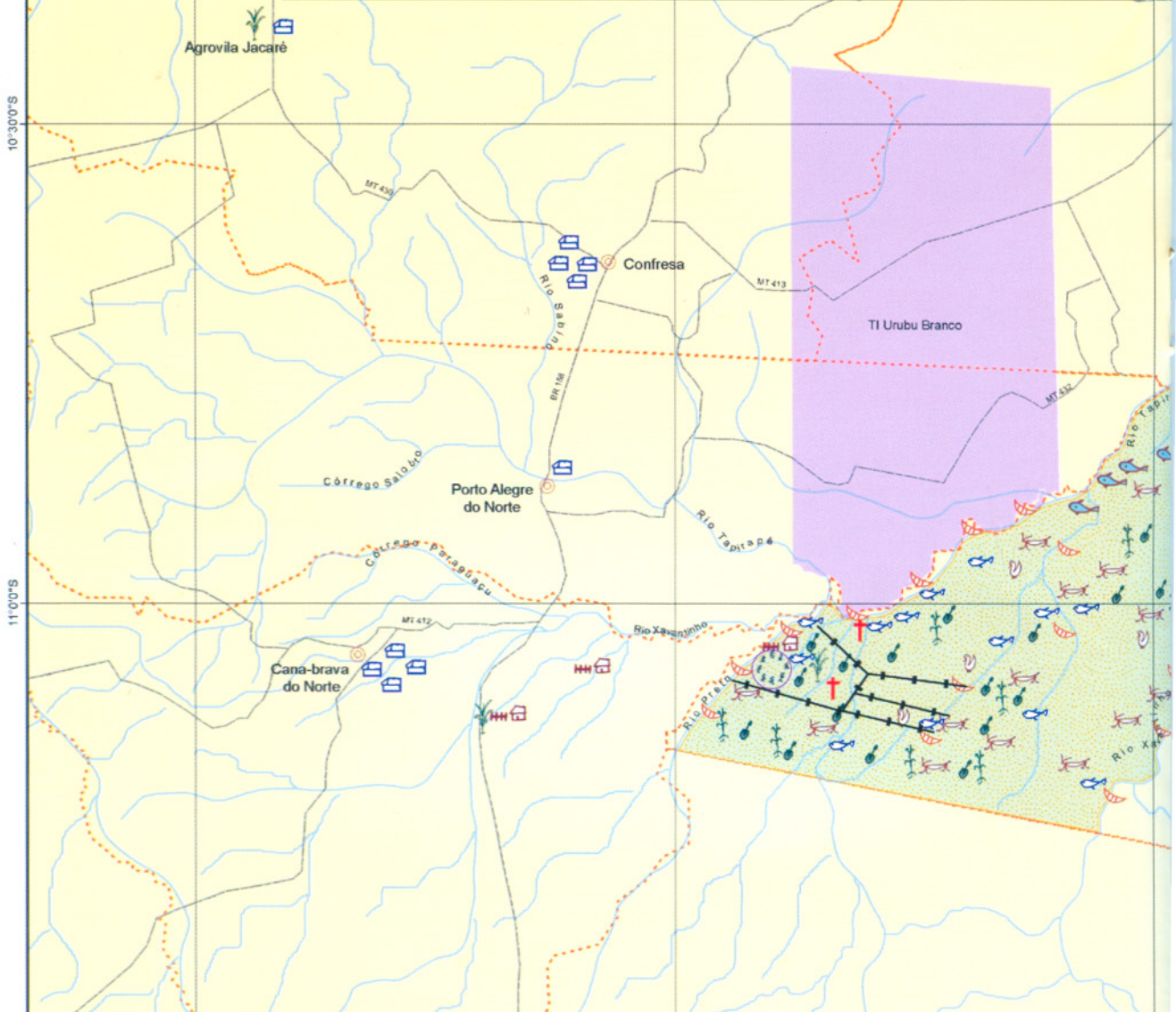
No mês de abril eu voltei no Maranhão, nós voltamos em cinco pessoas, fomos pegar o nosso reconhecimento. Ainda tinha gente que reconhecia, tinha índio na aldeia lá que conheceu o irmão da minha mãe, fomos reconhecido. Nós chegamos no índio e eu comecei a contar o caso, o caso do meu avô e tinha índio velho que conhecia o meu avô, tinha gente lá da família que conhecia. Está com muito tempo, mas tinha quem conhecia... O cacique ficou ouvindo, dois caciques, um daqui outro de lá. Quando eu estava terminando o caso o cacique que estava ali falou, "não, está tudo bem, você pode parar e tal, eu conheci o irmão da tua mãe, ele morreu faz tantos anos (Joaquim, Oficina de Mapas).



Declaração de reconhecimento dos kanela do Araguaia emitida pela Funai

O povo kanela do Araguaia tem mais de três, quatro anos que vem se unindo buscar a cultura, buscar o reconhecimento... Ai a gente conseguiu agora, buscamos o nosso reconhecimento... Nós fomos na aldeia dos Porquinhos, porque ali nós tínhamos conhecimento que ali tinha pessoa da família mesmo, da história que meu avô contava, avô de Joaquim contava, o pessoal estava lá, daquele massacre que eles contavam estava na aldeia dos Porquinhos. Chegamos lá eles contaram a história como é que foi, como que eles saíram e bateu com a história dos índios mais velhos lá da aldeia, e batendo a história de cara eles já reconheceram. É tanto que o Neuto, liderança maior lá da aldeia dos porquinhos, o pai dele, que é o mais velho que tem lá, ele identificou contando a história, com a foto da minha avó, que o meu pai é primo dele... Eu sempre falo, se a gente conseguiu sobreviver até aqui, a gente não pode perder o que a gente aprendeu até aqui... nós temos que buscar a cultura, não é perder a cultura do branco como do índio, nós temos que aproveitar as duas (Rogério – Reunião São Félix do Araguaia).

Povo Indígena Kanela do Araguaia



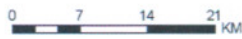


Legenda

- | | | | |
|--|---|--|---|
| | Cacique | | Více-Cacique |
| | Retiros | | Residências |
| | Encontro de todos os Kanelas do Araguaia - durante 7 anos consecutivos. | | |
| | Encontro de todos os Kanelas do Araguaia - durante 2 anos consecutivos. | | |
| | Encontro de todos os Kanelas do Araguaia - São Félix do Araguaia | | |
| | Roça | | Área de produção agrícola para subsistência |
| | Coleta de frutos nativos | | |
| | Aves - caça | | Tartaruga - caça |
| | Área rica em caça | | Pesca de rio |
| | Pesca de lago para a subsistência | | Preservação permanente |
| | Áreas pretendidas: uma das 2 áreas | | Terras indígenas |

Convenções cartográficas

- | | | | |
|--|--------------------|--|-------------|
| | Rodovias | | Hidrografia |
| | Limites municipais | | |



Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum Geodésico Horizontal - SAD69

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Mapa Situacional - Junho 2009

Equipe de elaboração:
Eleyd Sousa de Menezes
Antônio João Castrillon Fernandez

Fonte:
Base IBGE 2007, Croquis do Povo Indígena Kanela do Araguaia

Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

A luta pelo território

O prazer e o sonho de todos os Kanelas é ter o seu território. A partir do momento que nós conseguimos o nosso território, que nós aldear dentro dele, aí nós vamos começar a ter a nossa identidade original, entendeu? Porque a primeira identidade, que é a principal do índio, é a sua cultura, o idioma, o índio sem a sua cultura não é índio. Então, quando nós aldear, o meu sonho e o meu prazer é buscar a nossa cultura (Antonio, Oficina de Mapas).

Lá, nessa dita terra, Independência, está sepultado o tio José dos Santos, eles moravam lá, faleceu, foi sepultado lá. E eu também morava lá, passei uns tempos morando lá, meu pai trabalhava lá de roça, que hoje eu ainda sei que tem o rancho das roças lá onde nós morava, lá nessa fazenda Independência. Então, para eles negar esse território lá aonde nós queremos, eu acho que eles não vão fazer isso. Porque lá está os rastros das roças, está uma prova lá (Albertina, Oficina de Mapas).

Quanto esse país era rico? Quantos países o Brasil enricou? E os próprios (...) os próprios brasileiros não têm dinheiro, nem da quinta terça metade da riqueza do país para nós viver. Você já pensou uma luta dessa aí, nós que somos índios, estamos reconhecidos agora, você vai ver a luta para nós requerer um pedacinho de terra deste tamanho... Moço, eu sou tão revoltada com isso. Tem hora que eu fico mesmo assim pensando, olhando para a cara daquele povo que nos nega a saúde, nos nega a educação, nos nega uma vida a lazer, anega tudo uma vida às pessoas sendo que é um país rico e não arricou quantos países lá fora e nós não temos o direito? O Brasil é um país muito rico que nega o direito aos seus próprios filhos, aos seus próprios descendentes (Joana, Oficina de Mapas).

O Brasil tem uma dívida conosco. O Brasil tem uma dívida com a gente, porque nós não pedimos para estarmos nessa situação... Quando nós olhamos, vamos para Santa Terezinha, nós vemos lá kanela sobrevivendo num barracãozinho de qualquer jeito, urbano, eles são urbanizados? Não é urbanizado, eu acho o tipo favelado, ou isso, que a grande maioria vive assim, que não vê dignidade realmente, está lá na cidade, mas não vive dignamente, muitos deles não vivem dignamente. Claro que não passam fome porque ainda tem muito peixe no Araguaia, mas não é só isso que nós queremos, nós queremos a terra para plantar, para colher da forma nossa, nós queremos preservar a natureza, as árvores nativas, as frutas, as frutas do cerrado que tanto tem... Então é isso que nós reivindicamos, o nosso território, porque não existe o povo indígena sem o território, nós temos que ter o nosso território para ter mais força e para resgatar a nossa cultura, ficar junto do nosso povo, porque nós sentimos saudades de ficar juntos dos nossos tios, nossos primos, com os kanelas, de resgatar a cultura, dançar, cantar, porque o índio é um povo alegre, índio gosta de estar em comunidade, povo que gosta de rir, é feliz, índio é isso... Ter o nosso alimento, ter a nossa saúde, ter a nossa dignidade, ter a nossa moradia, isso que os índio kanelas do Araguaia querem (Lenimar, Oficina de Mapas).

Como vivem os Kanelas atualmente

Nós aqui passamos muita necessidade. Às vezes eu tenho um pedacinho de terra, mas tem alguém da minha família, a maioria, que nem terra para morar não tem, não tem uma boa casa, às vezes fica na periferia dessas pequenas cidades por aí... Tem muitos kanelas que vivem no Araguaia, aqueles que tiveram a oportunidade de alcançar um emprego público estão vivendo de um emprego público; outros, lá na sua chácara, trabalhando, mexendo com a terra para tirar o sustento; e outros, passando necessidades nas periferias das pequenas cidades, dessas pequenas cidades que têm por aí, porque não tem condições, quem tem um barraco não vai dizer que tem uma casa; os que não têm um emprego; outros trabalhando em propriedades alheias. Então, uns trabalham com roça, outros com leite, que têm umas pequenas vacas, outros têm um emprego público, como eu já falei; e outros que não têm nada. Por isso que o meu desejo é que a gente possa requerer um território para que todo esse povo possa trabalhar, ter a condição de viver e ter uma vida digna, porque somos mais do que sofredor, somos mais do que sofredor. A gente como trabalhador rural, a gente já sofremos muito aqui nessa Cana Brava, sofremos demais...

Acabou a nossa cultura, a pouca cultura que nós pegamos, acabou, e estamos vivendo nessa vida de hoje, nessa sociedade que está nos oferecendo hoje. Aí vai trazer os nossos jovens para onde, vai jogar aonde? Vai jogar na droga, vai jogar em tudo quanto é ruim, viciado na bebida, viciado nisso, viciado naquilo, vai lá, outro chega até morrer, outro chega até morrer. Então a nossa cultura, quando a gente chegou, quando veio com os nossos pais, aquela cultura acabou... Então a cultura acabou. E agora nós vamos levantar essa cultura (Dona Joana, Oficina de Mapas).



Oficina de Mapas em Canabrava do Norte - MT



Encontro da família Kanela

Foi em 97 o primeiro encontro... Começou com a família da Vitalina, a família do seu Julião, ia para lá para Luciara, de todos os lugares, é lá no Lago dos Veados, então a gente se encontra uma vez por ano. A gente passa sete dias juntos lá... Aí, há três anos para cá começou a encontrar essa família Vitalina, a do Joaquim e uma outra lá de Santa Terezinha que é da dona Benedita. Aí começou a encontrar juntos, tem três anos que a gente vem fazendo esse encontro junto... Do último encontro participou 240 pessoas... Para os kanela isso foi a melhor coisa que já aconteceu... porque a gente é uma família grande, até então antes dos encontros uma família grande mas separada, eles aqui na Canabrava, nós na Luciara, pessoal do Joaquim que a maioria deles fica em Santa Terezinha, eles se encontravam, mas era assim, hoje a gente se encontra todo do grupo... E aí, quando a gente tiver o nosso próprio território esses encontros deixam de acontecer porque não há necessidade da gente se encontrar porque nós estamos juntos, nós estamos integrados no dia a dia ali, aí acaba esse encontro de família que a gente fala, encontro dos kanelas que a gente faz todo ano (João da Vitalina, Oficina de Mapas).



Encontro de família kanela do Araguaia

Conflitos territoriais e identidade étnica



Agora veja bem, o que fica preocupante para gente, quando nas décadas de 60 até 70, na expansão do gado de corte os kanelas já existiam no Araguaia e os fazendeiros chegaram aqui, as grandes empresas latifundiárias, excluiu esse povo, tirou o direito à terra desse povo. Tanto é que, a gente morando aqui presenciou vários momentos de conflitos, de fazendeiros contra os pequenos e ali a gente estava no meio, e sofremos aquelas conseqüências. A gente como kanela, o que a gente mais quer é sobreviver da terra... A cultura branca nos oprimiu de forma que nos tirou a nossa identidade, o que a gente mais luta é o resgate dessa identidade e essa identidade ela não representa somente a nossa cultura, mas o nosso espaço, esse espaço onde nos possa habitar, criando os nossos filhos, vivendo em comunidade (Pedro, Oficina de Mapas).

Mas conflito sempre vai ter porque a sociedade também se preocupa, a partir que tem um grupo indígena se organizando, a sociedade também fica preocupada, você acha que não há um conflito sobre isso? A sociedade que está nos vendo reunido? Eles estão preocupados, porque eles podem imaginar "qual é a terra que esses índios vão reivindicar? Será que não é a minha fazenda que já está na mira?". É um conflito, e é um conflito para nós. Quando nós colocamos a questão do território, é um conflito para nós, é uma questão que está mexendo com a gente, porque nós queremos esse território. Então, nós estamos num conflito para conseguir. Então, o ser humano, a sociedade tem que estar no conflito, seja ele qual natureza for, nós sempre estamos conflitando com algo (Lenimar, Oficina de Mapas).

Reivindicações - Lutas

A gente está lutando para a gente ter uma vida melhor, sossego para os filhos da gente, que hoje vive aqui, prá acolá, sem ter uma terrinha para morar, não tem uma casa. É por isso que a gente está lutando, para nós adquirir esse terreno para nós fazer o nosso moratório, aonde nós trabalhar, aonde nossos filhos trabalhar. Porque eu, a comadre Joana, o compadre



Oficina de Mapas em Canabrava do Norte - MT

Joaquim nós já estamos velhos, mas tem os nossos filhos, mas não é tanto por velhice que eu vou dizer, "não, porque eu estou velho que eu não vou lutar", eu vou enfrentar junto com eles. Mas não é assim, "não, porque eu estou adquirindo", é a necessidade que faz isso, a necessidade que faz a gente fazer isso, sofrer ali junto. A gente sente, sofre demais. Nós estamos aí na luta e se deus quiser nós vamos vencer, vamos adquirir. Quero ver os meus filhos naquele todo território (Albertina, Oficina de Mapas).

Agora, o que nós precisamos mesmo é do território para vim outras coisas, outros benefícios, outras reivindicações, que é a partir disso. Por isso que todos estamos batendo na mesma tecla: território. Porque a partir disso aí nós vamos poder reivindicar

na área de educação, área de saúde, ter os nossos postos de saúde, nossos profissionais, igual outras aldeias têm... Então, o pivô central, a nossa necessidade central hoje, a prioridade é o território (Lenimar, Oficina de Mapas).

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - NCSA-CESTU/UEA)



Série: Povos e Comunidades Tradicionais
do Brasil Central

Realização

Associação do
Povo Indígena
Kanela do Araguaia

1. Povo Indígena Kanela do Araguaia

Apoio

UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS
NCSA - CESTU



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGAS

